



A herança de Salomão na Amazônia em *Cenas da vida minúscula*, de Moacyr Scliar
The inheritance of Solomon in the Amazon, in *Cenas da vida minúscula*, by Moacyr Scliar

Alessandra Conde da Silva*

Universidade Federal do Pará (UFPA) | Belém, Brasil
afcs77@hotmail.com

Resumo: Este trabalho volta-se para o estudo da presença do mito salomônico em *Cenas da vida minúscula*, de Moacyr Scliar, publicado em 1991. A história de dois homúnculos, descendentes do mago Habacuc, que, no século XVI, aportou em terras amazônicas, em busca de uma amazona, herança recebida de seus ancestrais, filhos do rei Salomão, é representada no romance. Na primeira parte da história, o leitor é levado à corte de Salomão e conhece o desejo do rei de encontrar uma amazona, que lhe povoa os sonhos. Um de seus filhos, Habacuc, recebe a missão real de encontrá-la e somente um dos seus descendentes, com o mesmo nome, séculos depois, consegue realizar a tarefa. Fazendo aditamentos à matéria bíblica, Scliar ecoa vozes míticas que a tradição literária reverberou ao longo dos tempos. Tudo começou com o desejo de conhecer novas terras e de fazer comércio. Tudo começou com o desejo de escrever essas aventuras, cintilando intertextos, à luz de Eco e de Borges. Para o desenvolvimento deste trabalho, recorreremos a estudos de Tzvetan Todorov (2006), Umberto Eco (2015), Jorge Luís Borges (2007), Berta Waldman (2003), Lyslei Nascimento (2004), entre outros.

Palavras-chave: *Cenas da vida minúscula*, de Moacyr Scliar. Judeus na Amazônia. Mito salomônico.

Abstract: This work focuses on the study of the presence of the Solomonian myth in *Cenas da vida minúscula*, by Moacyr Scliar, published in 1991. The story of two homunculi, descendants of the wizard Habacuc, who, in the 16th century, arrived in Amazonian lands, in search of an Amazon, an inheritance received from her ancestors, sons of King Solomon, is represented in the novel. In the first part of the story, the reader is taken to Solomon's court and learns about the king's desire to find an Amazon, who fulfills his dreams. One of his sons, Habacuc, receives the royal mission of finding her and only one of his descendants, with the same name, centuries later, manages to carry out the task. Making additions to biblical material, Scliar echoes mythical voices that literary tradition has reverberated throughout time. It all started with the desire to discover new lands and trade. It all started with the desire to write these adventures, sparkling intertexts, in the light of Eco and Borges. To develop this

* Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás e Professora da Universidade Federal do Pará.



work, we used studies by Tzvetan Todorov (2006), Umberto Eco (2015), Jorge Luís Borges (2007), Berta Waldman (2003), Lyslei Nascimento (2004), among others.

Keywords: *Cenas da vida minúscula*, by Moacyr Scliar. Jews in the Amazon. Solomonic myth.

Cenas da vida minúscula, de Moacyr Scliar, publicado em 1991, ecoa a presença do mito do rei Salomão. O romance conta a história de dois homúnculos, descendentes do mago Habacuc, que, no século XVI, aportou em terras amazônicas, em busca de uma amazona, cumprindo um “sonho de seus ascendentes”,¹ filhos do rei Salomão. No início da história, o leitor é levado à corte do sucessor de David e conhece o desejo do rei de encontrar uma amazona, que lhe visita os sonhos. Um de seus filhos, Habacuc, recebe a missão real de encontrá-la e somente um dos seus descendentes, com o mesmo nome, séculos depois, consegue realizar o feito. Fazendo aditamentos à matéria bíblica, Scliar ecoa vozes míticas que a tradição literária reverberou ao longo dos tempos. Tudo começou com o desejo de conhecer novas terras e de fazer comércio. Tudo começou com o desejo de escrever essas aventuras, cintilando intertextos, à luz de Umberto Eco e de Jorge Luís Borges.

No princípio, Salomão compartilhou naus com Hirão e as enviou a Ofir, Parvaime a Társis, segundo consta na Bíblia Hebraica, em *Melachim* (1 Reis) 9: 27-28. No princípio, também, naus bíblicas teriam singrado rios amazônicos, conforme a visão de poetas, teólogos, filósofos, etnógrafos e linguistas, no quinhentismo. Ainda no princípio, herdeiros de Salomão povoaram uma pequena parte da hileia amazônica e como coletores e caçadores construíram uma comunidade de homúnculos, segundo o *Livro das Origens*, de Habacuc, personagem de *Cenas da vida minúscula*, de Moacyr Scliar. Aquilo que poderia ser apenas uma simples narrativa bíblica, cujo teor incidiria sobre navegação e comércio, tornou-se um *plot* atrativo para escritores ao longo dos tempos.

As três toponímias, Ofir, Parvaim e Társis, foram enredadas em narrativas ficcionais, viraram hipóteses fantásticas, recebendo aditamentos à matéria original. Tudo começou com a frota de Salomão. Para onde foram os semitas? De onde retiraram o ouro e as madeiras preciosas? De onde vieram aqueles animais? Muito se perguntou, se comentou, se inquiriu. A saída foi preencher as lacunas, tornando as histórias dos primórdios sempre vivas.

Flávio Josefo,² em sua *História dos Hebreus*, localizava Ofir nas Índias. Na *Bíblia Medieval Portuguesa*, do século XIV, além da referência à frota de navios de Salomão e a ida a Ofir, o narrador afirma que dessa terra trouxeram, mais que o ouro, “muyta prata, e dentes de Elyfantes, e symias, e paños, e pedras preciosas, e madeir muitos e muy

¹ SCLIAR, 1991, p. 75

² 2004.



preçados, e de bõo cheyro, de que fez Salamom seedas e no templo, e enospaaços, e estormentos pera os cantores”.³

No século XVI, no canto X, de *Os lusíadas*, de Camões, Ofir é citada, segundo o entendimento comum que associava a toponímia bíblica, lugar rico em outro, às Índias: “Alguns que fosse Ofir imaginaram”.⁴ Ainda no século XVI, em terras brasileiras, Ambrósio Fernandes Brandão, nos *Diálogos das grandezas do Brasil*, manifesta outro entendimento: Ofir se situaria na África. Vatablo Parasiense, sábio hebraizante francês, que publicou a Bíblia em hebraico em 1545, via em terras peruanas a localização de Ofir, conforme Ambrósio Fernandes Brandão cita nos seus *Diálogos das grandezas do Brasil*. Em contrapartida, Brandão apresenta uma ideia que causa espécie no contexto do descobrimento do Brasil.

O personagem Bradônio, que dialoga com Alviano sobre “[os] bons céus, ares e qualidade de que goza a terra do Brasil”,⁵ encaixa o tema bíblico sobre as navegações das naus de Salomão e suscita uma interrogação retórica sobre a possibilidade de os navegantes israelitas, dos tempos salomônicos, terem achado as costas brasileiras após a passagem no Cabo da Boa Esperança. Os sobreviventes teriam dado origem à população nativa, isto é, os indígenas teriam como ascendentes a “gente israelita”.⁶ Diz Bradônio a Aviano:

Pois, passando isto assim, quem duvida que algumas das naus da tal armada, que de força, à tornada, as águas e tempos a deviam de chegar ao Cabo a que chamamos de Santo Agostinho, desse à costa nesta terra do Brasil, e que da gente que dela salvasse tivesse origem a povoação de tão grande mundo?⁷

No século XVII, Menasseh Ben Israel, judeu português, escreveu *Esperanza de Israel* em que discute sobre a origem dos povos americanos. Ben Israel, em Amsterdã, apresenta o testemunho de Aron Levi ou Antonio de Montezinos que afiançou a existência de indígenas hebreus no Equador, conhecedores de algumas práticas religiosas judaicas, como a oração do *Shemá Israel*, o que também amparou o mito das dez tribos perdidas de Israel. Segundo Ben Israel,

en lo demas que relata nuestro Levita, o Montezinos, no veo algo de lo imposible: por que decirla Sewak, es una costumbre

³ BMP, 1958, p. 265.

⁴ CAMÕES, 2009, p. 270.

⁵ BRANDÃO, 2010, p. 128.

⁶ BRANDÃO, 2010, p. 127.

⁷ BRANDÃO, 2010, p. 126.



observada de los Israelitas, en todas las partes dei mundo, y compêndio de la confission y religion ludaica.⁸

O teólogo e filósofo judeu português cita ainda a contribuição de Benito Arias Montano à ideia de uma origem judaica dos indígenas americanos, ainda que não concordasse com a visão de Montano quanto à significação do vocábulo Peru como anagrama de Ophir. Para Montano, o Ophir bíblico localizava-se no Novo Mundo. Jesús Paniagua Pérez⁹ comenta que “la identificación del Nuevo Mundo con Ophirno era nada nuevo en tiempos de Benito Arias Montano, aun que había muchos autores que ponía nen duda aquella fantasia, que logro mantenerse en el tiempo”.

Jane Bichmacher de Glasman¹⁰, no artigo “Presença judaica na toponímia brasileira: Brasil, origem e mistérios”, arregimenta alguns comentários sobre a localização das três toponímias bíblicas no Brasil e discorre sobre a tese de que os indígenas seriam descendentes dos hebreus que aportaram em terras amazônicas em busca de ouro e produtos extrativistas vegetais, minerais e animais.

Assim como Glasman, Reuven Faingold¹¹, em “Amazônia judaica: história, lendas e mitos”, cita as teorias do etnólogo oitocentista Dom Henrique Onffroy de Thoron. Para este, estudos etimológicos comprovariam que as toponímias Ofir, Társis e Parvaim se refeririam aos nomes do rio Japurá (Ofir), à região da Alta Amazônia abundante em ouro (*Tarshish*- Társis) e aos nomes do rio Paru e Apu-Paru: “Os dois rios de nome *Paru* fazem, no plural, o *Paruim* dos hebreus”.¹² Para Faingold,

Onffroy de Thoron empenha-se em demonstrar que os povos da antiguidade mais remota conheciam as Américas. Os povos mesopotâmicos possuíam frotas navegando no oceano Atlântico. Não conformado com generalizações, este autor passa a mostrar três localidades bíblicas, Paruim, Ofir e Tarshish que, segundo ele, se situam no Brasil.¹³

Thoron cita Platão e o mito dos Atlantes, presente no *Timeu-Crítias*, que seriam conhecedores do “grande mar” e da “grande terra firme” que “é um verdadeiro continente”.¹⁴ Segundo o autor,

⁸ BEN ISRAEL, 1881, p. 125.

⁹ 2013, p. 240.

¹⁰ 2011

¹¹ 1997.

¹² GLASMAN, 201, p. 951.

¹³ FAINGOLD, 1997, p. 22.

¹⁴ THORON, 1905, p. 6.



Eis ahi, pois, a América! e para que não haja dúvida, Platão acrescenta que atraz d'esta terra firme, está o *grande mar*; é evidentemente o grande Oceano. Resulta dessas tradições que antes dos Phenícios, os dois Oceanos e a America eram conhecidos dos Atlantes o dos Egypcios.¹⁵

Nos rastros das tradições, Onffroy volta-se à história e aos mitos da Antiguidade, buscando comprovar que fenícios e cartagineses conheciam o Atlântico e as terras americanas. Histórias que chamam histórias, mitos que aliciam outros mitos, permitindo-nos conceber que a ficção atrai a ficção para melhor se fazer compreender. Jorge Luís Borges, em “Quando a ficção vive na ficção”, fala sobre sonhos que criam outros sonhos, “quadros dentro de quadros, livros que se desdobram em outros livros [que] ajudam-nos a intuir essa identidade”.¹⁶

A esse procedimento recorreu Moacyr Scliar, sobretudo no romance *Cenas da vida minúscula*. Suzana Cánovas, em “O ciclo das águas de Moacyr Scliar”,¹⁷ informa: “Filho de imigrantes judeus (...) o escritor gaúcho inaugurou uma nova vertente na ficção brasileira, inserindo em suas obras a problemática judaica. Ao longo de sua trajetória literária, o autor não abandonou nunca o tema do judeu e da diáspora”.

Entre rastros míticos que aludem a outros mitos, Scliar, assim como fez Onffrey de Thoron, Menasseh Ben Israel e tantos outros escritores, voltou-se à mitologia bíblica, aos mitos sobre a presença semítica na América pré-cabralina.

Ao revisitar a mitologia bíblica, o autor gaúcho dela extrai muitos temas para as suas histórias, como se vê na passagem sobre as naus de Salomão e os portos de destino, em *Melahim* (1 Reis) 9: 27-28, na Bíblia Hebraica. Para onde foram os navegantes judeus a serviço de sua Majestade, o rei Salomão? No romance *Cenas da vida minúscula*, eles vieram para a Amazônia. Em *Entre Moisés e Macunaíma*, publicado em 2000, Scliar comenta a respeito da sua produção. Insere o romance no realismo mágico latino-americano, conforme as apreensões da leitura de *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Marquez. Diz o autor sul-rio-grandense:

Em *Cenas da vida minúscula* parti da lenda na qual emissários do rei Salomão teriam vindo à Amazônia em busca de ouro e madeiras preciosas para o Templo de Jerusalém. Junto com eles vem um feiticeiro que, por artes mágicas, cria uma tribo de criaturinhas minúsculas, cuja descendência chega aos nossos

¹⁵ THORON, 1905, p. 6.

¹⁶ BORGES, 1999, p. 504.

¹⁷ 2011, p. 213.



dias. Uma dessas mulherinhas é sequestrada por turista de São Paulo e levada para a grande cidade. Atrás dela vai o seu amado, igualmente minúsculo, disposto a resgatá-la – de novo, o realismo mágico.¹⁸

Essa ideia, conforme se viu nos parágrafos acima, não é nova. E não é apenas de novidade que vive a literatura, mas de um olhar diferente sobre a tradição. E talvez seja esse o ineditismo e a originalidade da literatura. Scliar, como se tivesse em mãos uma boneca russa, segue fornecendo outras bonecas, pensadas por nós como textos, e desses textos surgem outros textos, quadros, livros e sonhos, como sugeriu Borges¹⁹ e também Umberto Eco²⁰, para o qual “não raro os livros falam de livros, ou seja, é como se falassem entre si”. Assim, quando abrimos a primeira boneca/texto eis lá uma segunda e depois uma terceira, quarta, quinta... O escritor gaúcho lida com intertextos com maestria. Segundo Gilda Salem Szklo²¹, “a intertextualidade, nos escritos de Scliar, é a fonte de sua criatividade, possivelmente o tema principal de sua obra”.

A *Bíblia* é uma rica fonte de material mitológico e, nesse sentido, falamos de mitologia bíblica (judaico-cristã), considerando o postulado de Hilário Franco Jr. que desconstrói a ideia de que cristianismo e mitologia não se relacionariam. Para Franco Jr.,

entender a relação, negada pela época, entre mito e cristianismo é entender melhor o sentido profundo de ambos. E perceber que, se o cristianismo medieval era um vasto sistema de representações mentais, verbais, gestuais e imagísticas através do qual os homens de então atribuíam certa ordenação e certo sentido ao universo, era exatamente porque ele era uma mitologia.²²

Assim, concebemos não apenas a relação entre mitologia e cristianismo, mas mitologia e material bíblico, uma vez que a tradição cristã se alimentou da tradição judaica. Dessa forma, a *Bíblia* é fértil em mitos. André Siganos²³ faz uma distinção entre mitos que se enquadra perfeitamente aos propósitos deste trabalho. Para Siganos o mito literalizado trata da adaptação ou reformulação de um mito da tradição cultural de um povo, enquanto o mito literário é uma criação de um autor individual, que o diferencia do mito literalizado.

¹⁸ SCLIAR; SOUZA, 2000, p.78.

¹⁹ 1999.

²⁰ 2015, p. 318.

²¹ 1990, p. 16.

²² FRANCO JR., 1996, p. 53.

²³ 1993, p. 27.



Da tradição bíblica judaica, do *Tanach* (Antigo Testamento), e devemos ainda incluir os mitos judaicos da tradição talmúdica e midráshica, vemos nos romances de Scliar o despontar de mitos literalizados que se tornaram literários, ou seja, mitos bíblicos e da tradição judaica literalizados, que se converteram, na literatura de Scliar, em mitos literários.

Esse é o caso da mulher de Salomão no romance *A mulher que escreveu a Bíblia* e de Sulamita, que é uma filha de Salomão, em *Cenas da vida minúscula*. Nos dois casos, as mencionadas personagens estão ligadas a Salomão e se veem envoltas no mundo da escrita feminina. Na verdade, elas buscam marcar a sua condição de mulheres competentes no universo da escrita, digladiando-se, muitas vezes, com o sistema androcêntrico.

Em *A mulher que escreveu a Bíblia*, publicado em 1990, a mulher de Salomão, é descrita como pessoa feia e extremamente inteligente. Levada ao palácio de Salomão para ser sua esposa, selando acordo régio e comunitário, destaca-se por apresentar uma personalidade forte e habilidade na escrita. Como a própria informação paratextual que o título fornece, ela é “a mulher que escreveu a *Bíblia*”. A personagem adita à matéria que recebeu de mãos masculinas o sonho/ficção, sonho sensual, sonho de uma mulher, como se vê a seguir: “Decidi corrigir tais equívocos mobilizando para isso as minhas próprias fantasias. Criados, o primeiro homem e a primeira mulher enamoram-se loucamente um do outro, e aí transformam o Éden num cenário de arrebatadora paixão”.²⁴

O tema da escrita feminina, todavia, não se esgota no menciona do romance de Scliar. Em *Cenas da vida minúscula*, a personagem Sulamita, homônima da esposa de Salomão na narrativa bíblica, recebe também a missão de escrever “o grande Livro que contará a história do nosso povo”.²⁵ Márcio César Pereira dos Santos²⁶ comenta que o ficcionista apresenta, em alguns de seus romances, o “narrador escriba” e o “manuscrito encenado”. Metanarratividade? Reflexão sobre o trabalho do escritor?

Umberto Eco explicita essa prática textual que, a nosso ver, Scliar também aderiu: “Trata-se de um flagrante caso de ironia intertextual, uma vez que o *topos* (ou seja, o lugar comum literário) da descoberta do manuscrito possui uma história respeitável. A ironia é dupla, e também constitui uma sugestão metanarrativa”.²⁷

Nessa pegada de ironia intertextual, refletindo sobre a matéria produzida, convidando, também, o leitor a reflexões, a mulher de Salomão se interroga: “Terminei

²⁴ SCLIAR, 2007, p. 96.

²⁵ SCLIAR, 1991, p. 16.

²⁶ 2021, p. 6.

²⁷ ECO, 2015, p. 30.



o capítulo, reli-o. estava muito bom, tão bom que uma dúvida me ocorreu: era aquele, realmente, um texto histórico?”.²⁸ Sulamita, de *Cenas da vida minúscula*, com ironia, medita sobre o texto bíblico, sobre o livro que escreverá. Ela intui interditos. Quer escrever com adjetivos, mas se sabe presa a ecoar verbos e substantivos:

Mas não posso usar adjetivos, Habacuc. Nenhuma proibição formal por parte de Salomão – mas sei que não posso usá-los tenho de me restringir aos nomes; em primeiro lugar, e nunca em vão, o nome de Deus – e aos verbos. Nomes e verbos. Coisa de macho, não é Habacuc? Coisa de macho: nomear, agir. Salomão pode adornar seu trono com opalas e topázios, pode guarnecer a sala com leões de ouro e águias de ouro e carneiros de ouro. Mas eu não posso usar adjetivos, Habacuc.²⁹

Diferente de *A mulher que escreveu a Bíblia*, Sulamita, no entanto, não é a personagem central de *Cenas da vida minúscula*. O romance apresenta duas partes: a que se volta à tradição bíblica, subvertendo-a, e a que realoca rastros de um mito em um cenário novo. No primeiro caso, temos acesso à história de Habacuc, irmão de Sulamita, que deseja criar um ser vivo, algo apreendido da irmã. No segundo, os descendentes da criação de Habacuc se estabelecem na Amazônia. Mas anteriormente, Habacuc viajou nas naus de Salomão para Tarshish (Espanha). Tendo se estabelecido na região, apenas seus descendentes cumpriram a sua missão de chegar no Novo Mundo, após muitos séculos.

Habacuc recebeu a missão de encontrar uma amazona que povoava os sonhos de Salomão. O pai o envia a navegar com os fenícios em demanda da mulher. O que ele de fato conseguiu foi escrever o “Livro das Origens”.³⁰ Diz o narrador, um descendente de Habacuc, sobre o livro dentro do livro:

Desse livro já ninguém sabe, a não ser eu; felizmente li-o tantas vezes que o tenho gravado na memória, palavra por palavra. É uma história verdadeiramente extraordinária, narrada em tom poético. Começa descrevendo naus que avançam pelo oceano encapelado, rumo a terras distantes e misteriosas. Trata-se, como vim a descobrir mais tarde (não é pouco o que sei; meus conhecimentos avançaram bastante no vasto oceano de História) de naus fenícias. E iam longe, as frágeis embarcações. Sefarad, a Espanha, era apenas uma escala; dali seguiam para Oeste, no

²⁸ SCLiar, 2007, p. 96.

²⁹ SCLiar, 1991, p. 19.

³⁰ SCLiar, 1991, p. 10.



rumo que Colombo um dia tomaria; e foi assim que, um milênio antes da era cristã, arribaram à costa nordeste de uma terra rica em ouro e madeiras preciosas, mais tarde conhecida como Brasil. Segundo Habacuc, esta descoberta interessou muito a David, rei da Judeia, que desejava erigir ao Supremo um templo digno de sua glória. Para obter material necessário à construção, David aliou-se a Hiram, rei da poderosa Tiro, cujo torno era coberto por abóbodas de ouro, prata e pedras preciosas.³¹

Retomando o mito das amazonas e dos atlantes, o narrador afirma que, em fuga, em razão de um maremoto que assolou a cidade de Hespera, as amazonas trilharam caminhos de conquistas e de amizades com outros povos, até a morte de sua rainha, em Troia. Após esse desfecho trágico, nas naus dos fenícios, rumaram para a terra que carrega o seu nome: Amazonas. Diz ainda o narrador: “Ali chegaram também as frotas comissionadas pelo sucessor de David, homenageado na denominação do maior rio da terra das amazonas: Solimões, rio de Salomão”.³²

Em Tarshish, Habacuc, dado às artes mágicas, intentando a criação de um ser vivo, não feito da própria carne, mas da magia, tendo sua missão inconclusa, acede à sua humanidade e desejo e cria uma progênie de magos. Ao menos filhos naturais pôde criar. Seus descendentes lerão outros livros e continuarão a história iniciada pelo patriarca, filho de Salomão e irmão de Sulamita, assim como receberão a herança de “resgatar a dívida”, que o primeiro Habacuc tivera com o pai: “Para isso, viajavam à lugares distantes, em busca de conselhos e de orientação: do mundo mediterrâneo conheciam todos os magos e sábios; com todos trabalharam afanosamente, e sem resultado”.³³ Tornam-se homens-narrativa, pessoas que, recebendo o legado de seu pai Habacuc, ampliam a herança.

Tzvetan Todorov em “Homens-narrativa”, capítulo presente em *As estruturas narrativas*, fala sobre os homens produtores de narrativas. Para Todorov,³⁴ “a personagem é uma história virtual que é a história de sua vida. Toda nova personagem significa uma nova intriga. Estamos no reino dos homens-narrativas”. A chegada de novos personagens traz novas histórias, novos enredos. Todorov³⁵ acrescenta: “a aparição de uma nova personagem ocasiona infalivelmente a interrupção da história precedente, para que uma nova história, a que explica o “eu estou aqui agora” da nova

³¹ SCLiar, 1991, p. 10.

³² SCLiar, 1991, p. 11.

³³ SCLiar, 1991, p. 40.

³⁴ 2006, p. 122.

³⁵ 2006, p. 122.



personagem, nos seja contada. Uma história segunda é englobada na primeira; esse processo se chama *encaixe*”.

Em “Cenas da vida minúscula” de Moacyr Scliar, há vários homens-narrativas, incluindo aí figuras femininas. O romance começa nos tempos de Salomão, em referência aos mitos bíblicos judaicos que transbordam no texto. Esses homens recebem a missão de dar uma resposta ao rei bíblico que é desvendar o mistério da amazona. Os séculos passam e os descendentes de Habacuc, filho de Salomão, atravessam os tempos, os lugares e as histórias míticas judaicas até encontrarem o destino final, na Amazônia. Um narrador principal narra toda a história, mas, ao fazê-lo, faz surgir outras vozes narrativas, outras histórias, outros mitos, por discursos diretos ou indiretos.

No século XVI, outro Habacuc, na errância, em busca de pagar a dívida, após estudar a Cabala, a filosofia, a alquimia e a bruxaria – embora tivesse lido *no Malleus Maleficarum*, livro de caça às bruxas, que não deveria procurá-las –, tem um encontro com Nostradamus. Este, em uma carta profética, vaticina: “Quando o grande mar tiver atravessado...”³⁶ Os muitos livros e estudos o levaram à leitura do Talmud e à lenda do Golem, da tradição talmúdica.

Jorge Luís Borges, em *O livro dos seres imaginários*, diz que “Golem foi o nome dado ao homem criado por combinações de letras; a palavra significa literalmente, ‘uma matéria amorfa e sem vida’”.³⁷ Dessa matéria, do barro, Rabi Löw, na narrativa de Scliar, cria um Golem para proteger os judeus e “destruir os inimigos de Israel”.³⁸

Essa história da criação do Golem é contada por Lilith, uma prostituta judia que ajuda Habacuc a entender os mistérios da criatura feita de barro. Lilith é homônima da primeira mulher de Adão, cuja insubmissão fê-la abandonar o marido e abraçar o demonismo, segundo a tradição judaica, e, por sua condição sobrenatural, era dada a imprecizações: “Lancei uma maldição, Habacuc. Oh, sim, invoquei Lilith e lancei uma maldição: aqui, neste lugar, ser algum adquirirá vida, a menos que seja fruto do amor de um homem e de uma mulher”.³⁹

Restou a Habacuc partir. Em conversa última com Campanella ouve dele a voz do destino: “Lá tudo é possível inclusive criar a vida. Dizem que naquelas terras todos os

³⁶ SCLIAR, 1991, p. 57.

³⁷ BORGES, 2007, p. 109.

³⁸ SCLIAR, 1991, p. 68.

³⁹ SCLIAR, 1991, p. 71.



prodígios acontecem ... Vai para a América, Habacuc!".⁴⁰ Atravessou o mar como Nostradamus previra.

Da Espanha, Habacuc pega uma embarcação que o levará ao "grande rio cujo nome homenageava nosso real antepassado Salomão: Solimões".⁴¹ No rio das amazonas, o navio naufraga e Habacuc e poucos sobreviventes precisam entrar na hileia amazônica. Dias depois, após uma grande chuva, contempla uma mulher em um cavalo. Habacuc acredita que ela se deixaria tocar com lascívia, mas violentos murros e pontapés o tiram do torpor erótico.

A morte o espera, ele pensa, ele deseja, mas a natureza amazônica dá-lhe outra chance. Uma planta carnívora arrebatada a amazona, ereta com uma grande pedra na mão, impedindo que a cabeça de Habacuc se aniquilasse pela rigidez do pedaço de rocha. Curiosamente a pedra, que é arma na mão da amazona, é consolo sexual para a mulher que escreveu a *Bíblia*. A narradora declara: "essa pedra substituiria o amante que eu, feia, nunca teria".⁴² Em Scliar, a mesma imagem (objeto/elemento) tem significados e usos diferentes. Para Habacuc, a pedra está ligada aos sonhos: "É da pedra que nasce o sonho, das ocultas tensões contidas nesta pedra que poderia ter sido um ser vivo".⁴³ A pedra/travesseiro que foi para o fugitivo Jacó um lugar de sonho, promessa e revelação.⁴⁴

Após esse quase encontro com a morte, e com o sonho de seu antepassado encarnado na amazona, deitou e adormeceu. Ele sonhou o sonho de seus pais e nele criou um ser vivo. A mesma situação ocorre no conto "As ruínas circulares", de Jorge Luís Borges: "Sonhou-o ativo, caloroso, secreto, do tamanho de um punho fechado, cor grená na penumbra de um corpo humano, ainda sem rosto ou sexo; com minucioso amor sonhou-o, durante catorze lúcidas noites".⁴⁵ No entanto, o mago Habacuc não sonhou um homem, mas uma mulher. Um sonho que precedeu o ato da criação, conforme conta o narrador:

Precederia o ato prático da criação com aquilo que sempre precede os atos práticos da criação, o sonho. Que dava continuidade ao sonho de Salomão, ao sonho de todos os seres vivos e mesmo dos inanimados, a pedra de Jacob aí incluída.⁴⁶

⁴⁰ SCLIAR, 1991, p. 74.

⁴¹ SCLIAR, 1991, p. 75.

⁴² SCLIAR, 2007, p. 25.

⁴³ SCLIAR, 1991, p. 18.

⁴⁴ *BERESHIT* (Gênesis) 28:12-13.

⁴⁵ BORGES, 1999, p. 25.

⁴⁶ SCLIAR, 1991, p. 87.



A coisa criada é também a coisa sonhada. Criatura e sonho sem precedentes, inovações ou renovações de um mito, de uma imagem, de uma inspiração. Lyslei Nascimento⁴⁷ comenta que

os “fazedores de golems” são, desse modo, essencialmente, artistas – escritores, pintores, compositores, escultores –, continuamente inquiridos sobre como realizam suas criações. Na maioria das vezes, suas explicações são um fracasso uma falácia, porque é sempre difícil revelar segredos, combinações de estilo e tema, modo e proposta que, por mais metódicos que sejam, na revelação, tornam-se performances.

Habacuc desperto, moldou uma mulher com matéria da flora amazônica, com barro e com seu próprio sangue e seu esperma. Vingou uma “mulherícula” e, mais tarde, em nova tentativa de criar um ser humano de tamanho normal, veio “um macho”.⁴⁸ A seguir, tem início a segunda parte do romance de Scliar – a comunidade dos homúnculos na Amazônia. Após quase cinco séculos nessa região, ocorre o êxodo, à revelia dos dois últimos minúsculos descendentes de Habacuc, para São Paulo. No tocante à segunda parte da narrativa, Berta Waldman assegura:

um casal de homúnculos é deslocado da Amazônia para São Paulo e ali contracenam em diferentes níveis com pessoas de tamanho normal. No convívio entre o pequeno e o grande, a tentação totalitária do maior, a imposição de sua vontade, de sua lei, aniquila o pequeno, o frágil, levando-o à morte. O que se salva – o narrador do romance – sobrevive porque acaba crescendo, isto é, aprende dos homens os requisitos necessários à sobrevivência”.⁴⁹

A comunidade dos homúnculos era formada pelos Puros e pelos Impuros. Os Puros, que sabiam ler e eram os guardiões do *Livro das Origens*, eram também marinheiros, que tinham “barcos feitos de casco de tartaruga”.⁵⁰ Caçavam com arpões, fabricavam roupas com fibras vegetais. Os Impuros eram dados a orgias, a sacrifícios humanos; andavam nus, não caçavam, eram apenas coletores. Celebravam Lilith e seu amante Asmodeu.

O narrador personagem, do grupo dos Puros, era da linhagem sacerdotal. Apaixonou-se por uma impura, Lila, e esta, sob o domínio de um gigante que vagava pela hileia

⁴⁷ 2004, p. 19.

⁴⁸ SCLIAR, 1991, p. 91.

⁴⁹ WALDMAN, 2003, p. 105.

⁵⁰ SCLIAR, 1991, p. 97.



amazônica em uma excursão, é levada para São Paulo, sendo seguida pelo homúnculo apaixonado. No avião, ele diz:

Se soubesse, por exemplo, que estava num avião – e se soubesse o que era um avião! – a milhares de metros acima da floresta amazônica, acima mesmo das nuvens que tantas vezes contemplara, procurando (uma inocente brincadeira de minha gente) descobrir nelas a imaginária face de Habacuc, se eu soubesse disso, teria morrido; sem dúvida teria morrido. Aterrorizado eu estava, e muito; abraçado à pequena mulher – que agora representava um apoio – rezava com fervor, rogando ao pai Habacuc que me protegesse de todo o mal.⁵¹

Findou a vida de marinheiros dos descendentes de Salomão na Amazônia. Agora, o sobrevivente voaria para a selva de pedra. Ele abandona a vida minúscula, sem interdito, vida conhecida, experimentada, inocente, teoricamente pensada como um Éden amazônico, e se insere na vida de tamanho real, do concreto e do desconhecido. Como no Éden, o casal de homúnculos é lançado fora da floresta/jardim. Eis a Queda, a separação da comunidade. Eis a morte de Lila que não tarda a chegar. Resta ao narrador crescer. A época da inocência terminou.

Reorganizando a mitologia judaica, de origem bíblica, Scliar realiza, à maneira dos *midrashim*, como método de estudo, “interpretações de interpretações”, conforme explica Berta Waldman.⁵² O narrador de *Cenas da vida minúscula* entende a necessidade de fazer aditamentos à matéria sagrada. É preciso meditar sobre a tradição, conforme se vê em romances de Scliar.

Lendo o *Livro das Origens*, o homúnculo narrador sentencia: “assim são, muitas vezes, os textos sagrados: crípticos, sua exegese fica postergada por séculos e acaba por se constituir em desafio para baixinhos meditando em apartamento paulista”.⁵³ Ele sabe que somente assim poderá entender as lacunas do texto: ficcionalizando a matéria sagrada.

Berta Waldman traz mais luz a essa discussão. Para ela, a *Bíblia* “é também o lugar da origem, da palavra revelada, acionando a partir dela um movimento ininterrupto de comentários”.⁵⁴ Talvez a herança de Scliar, assim como a herança de Salomão a navegar e a coletar frutos amazônicos, seja essa: formular hipóteses, recontar histórias, criar

⁵¹ SCLIAR, 1991, p. 115.

⁵² 2011, p. 4.

⁵³ SCLIAR, 1991, p. 86.

⁵⁴ WALDMAN, 2011, p. 9.



livros de outros livros, “preencher os vazios da narrativa [original] com uma hipótese”.⁵⁵ Scliar como um filho do escritor Salomão soube preencher os vazios.

Referências

BEN ISRAEL, Menasseh. *Esperanza de Israel*. Madrid: Librería de Santiago Perez Junquera, 1881.

BÍBLIA HEBRAICA. Baseada no Hebraico e à luz do Talmud e das Fontes Judaicas. Tradução de David Gorodovits; Jairo Fridlin. São Paulo: Editora & Livraria Sêfer, 2006.

BÍBLIA MEDIEVAL PORTUGUESA I. Historias d’abreviado Testamento Velho, segundo o Meestre das Historias Scolasticas. Texto apurado por Serafim da Silva Neto. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1958.

BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. Tradução de Carlos Nejar. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.

BORGES, Jorge Luis. *O livro dos seres imaginários*. Tradução de Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BORGES, Jorge Luis. *Obras completas de Jorge Luis Borges*. Tradução de Sérgio Molina. São Paulo: Globo, 1999. V. 4

BRANDÃO, Ambrósio Fernandes. *Diálogos das grandezas do Brasil*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2010.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. São Paulo: Martin Claret, 2009.

CÁNOVAS, Suzana Y. L. Machado. O ciclo das águas de Moacyr Scliar. *In: Signótica*. v. 23, n. 1, jan./jun. 2011. p. 213-229.

ECO, Umberto. *O nome da rosa*. Tradução de Aurora Fornoni; Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Record, 2015.

FAINGOLD, Reuven. Amazônia judaica: História, lendas e mitos. *In: LEWIN, Helena. (Org.). Judaísmo: memória e Identidade*. Rio de Janeiro: Programa de Estudos Judaicos/Departamento de Ciências Sociais/UERJ, v. 1, 1997. p. 17-29.

FRANCO JR., Hilário. *A Eva barbada: Ensaios de Mitologia Medieval*. São Paulo, Edusp, 1996.

GLASMAN. Jane Bichmacher de. Presença judaica na toponímia brasileira: Brasil, origem e mistérios. *Cadernos do CNLF*, Vol. XV, Nº 5, t. 1. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011.

GRAVES, Robert; PATAI, Raphael. *Los mitos hebreos: El libro del Génesis*. Traducción de Luis Echàvarri. Buenos Aires: Editorial Rosadas, S.A, 1969.

⁵⁵ SCLIAR, 1991, p. 86.



JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus: De Abraão à queda de Jerusalém*. Tradução de Vicente Pedroso. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

NASCIMENTO, Lyslei. O Golem: do limo à letra. In: NAZARIO, Luiz; NASCIMENTO, Lyslei. *Os fazedores de Golems*. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da FALE/UFMG, 2004. p.17-37.

PÉREZ, Jesús Paniagua. Arias Montano, su teoría de Ophir y los cronistas de Indias. In: SANTAMARÍA, A Castro; NISTAL J. Garcia (Coords). *La impronta humanística (ss. XV-XVIII): saberes, visiones e interpretaciones*, 2013, p. 239-250.

SANTOS, Márcio Pereira dos. O fazedor de Golem. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 15, n. 28, maio 2021. p. 1-7.

SCLIAR, Moacyr. *A mulher que escreveu a Bíblia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCLIAR, Moacyr. *Cenas da vida minúscula*. Porto alegre: L&PM, 1991.

SCLIAR, Moacyr; SOUZA, Márcio. *Entre Moisés e Macunaíma*. Os Judeus que descobriram o Brasil. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

SIGANOS, André. *Le Minotaure et son mythe*. Préface de Pierre Brunel. Paris: Presses Universitaires de France, coll. «Écriture», 1993.

SZKLO, Gilda Salem. *O Bom Fim do Shtetl*: Moacyr Scliar. São Paulo: Perspectiva, 1990.

THORON, Onffroy de. Viagem dos Navios de Salomão ao Rio das Amazonas (*Voyage de Vaisseaux de Salomon aufleuvedesAmazonas*). Manaus: Câmara de Manaus, Annaes da Bibliotheca e Archivo Público, 1905. Disponível em: <https://archive.org/details/AntiguidadeDaNavegacaoDoOceano.ViagensDosNaviosDeSalomaoAoRioDas/page/n31/mode/2up>. Acesso em 22 out. 2021.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. Tradução de Leyla Perrone-Moysés. São Paulo: Perspectiva, 2006.

WALDMAN, Berta. *Entre passos es rastros*. São Paulo: Perspectivas, 2003.

WALDMAN, Berta. Por linhas tortas: o judaísmo em Clarice Lispector. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 5, n. 8, mar. 2011.

Enviado em: 17/07/2024

Aprovado em: 30/10/2024